

I

O garoto carregou a fisga e, de respiração suspensa, ficou muito tempo a fazer pontaria. Depois disparou, de cabeça inclinada para trás e a boca aberta, raiando-lhe no rosto uma estranha excitação. A pedra, bruscamente, partiu num silvo, perdendo-se na ramagem do sicômoro. Num ápice, toda a passarada esvoaçou, lançando gritinhos de terror. Foi um tiro falhado.

Serag permanecia imóvel, de pé sobre o talude que bordejava o milheiral. Fitava o garoto já desde há um bocado. Era um rapazito de uns dez anos, muito arrebatado, com uns olhos imensos a saltarem-lhe do rosto e aspecto de assassino precoce. Estava vestido com andrajos e parecia vir de muito longe, vendo-se-lhe no corpo fortes sinais de aventura. O ardor dele, e também uma certa extravagância que emanava de toda a sua pessoa, fascinavam Serag. Comportava-se realmente de forma assombrosa, em constantes movimentos sacudidos, como um brinquedo mecânico.

De vez em quando baixava-se para apanhar pedras, erguendo-se de um pulo para continuar a retesar a fiska. Agora lançava as pedras sem sequer apontar, umas atrás das outras, como em pânico. Serag sentia a respiração rápida e sôfrega do garoto. Não conseguia deixar de o fitar, e tolamente sorria perante esta violência excessiva, que na solidão dos campos adquiria a aparência de um espantoso pesadelo.

Há quanto tempo duraria aquilo? Serag lembrava-se de ter visto o garoto, e de logo, bruscamente, tudo se haver alterado. Não sabia em que consistia esta nova composição do espaço; mas tudo em redor tinha a sua marca, como uma angústia irrespirável.

Enfiou as mãos nos bolsos das calças, curvando um pouco os ombros, como a precaver-se contra aquele furor cego, e depois, novamente, ficou imóvel, atento aos mínimos gestos do garoto.

O sicômoro erguia-se a poucos passos dali, num lado do caminho onde a massa dos seus ramos criava uma sombra indecisa. O caminho ia por ali fora, através dos milheirais, até à estrada nacional. Só se enxergava uma porção da estrada e, na sua orla, uma vivenda pintada de amarelo, com portadas verdes, perfilando-se no azul sombrio do céu. Às vezes, a toda a velocidade, passava uma camioneta, deixando atrás de si um longo rasto de poeira. Às vezes, também, uma carroça atrelada a um burro deambulava por lá preguiçosamente, levando tempos infinitos a desaparecer. Mas por enquanto a estrada estava deserta.

O garoto prosseguia encarniçadamente a caça. Debatia-se, teimoso e obstinado, ameaçando o uni-

verso inteiro com aquela fisga. Nos campos em redor retinia o rumor surdo da raiva do rapazito. Ele irritava-se com a sua própria inépcia, e entre dentes proferia pragas obscenas. De vez em quando parava, vigiando, de olhar desconfiado, os raros pardais escondidos na ramaria do sicômoro. Mas logo recommençava a caça com temível energia. Parecia nada ver em seu redor, inteiramente absorto na frenética agitação que o consumia.

Serag sentia-se horrivelmente só, ali no meio do campo, tão perto daquele terrífico garoto armado com uma fisga. Começava a sentir uma aguda inquietação próxima do medo. Teria desejado fugir, escapar ao espectáculo deste frenesim cujo perigo avaliava com pavor e impotência. Mas não se atrevia a mexer um dedo, com os membros paralisados e a garganta estrangulada pela angústia. Um terror alucinante cercava-o por todo o lado, pesava-lhe nos ombros, torturava-o. Era um suplício sem fim. A cada movimento, a cada gesto do rapaz, sentia na nuca uma dor violenta. Aquilo parecia durar há séculos. Baixou a cabeça, e sem querer mordeu a língua, inteiriçando os músculos para não sucumbir à vertigem. E logo as lágrimas lhe saltaram dos olhos, começando a chorar baixinho, sem se dar conta.

Num esforço imenso, desviou a cabeça, lançando em torno uma olhadela desesperada. Em toda a campina reinava uma solidão implacável e singular. Era a imutável campina egípcia, com os seus campos de milho e de cana-de-açúcar, fixamente presa a um torpor desolado. A perder de vista, estendiam-se

aqueles plainos monótonos, sem sinais de vida. Ao longe, através da leve bruma, esboçavam-se tamareiras de troncos desfiados, balançando os seus ramos quais leques gigantes. Nuns regos, ia passando uma água lenta, com reflexos de prata. De súbito, do fundo do horizonte ergueu-se um voo de gralhas; planaram um pouco no espaço e logo se dispersaram pelas móveis fendas do céu. Serag virou os olhos para o lado da estrada. De início nada enxergou; mas depois uma mulher, vestida de preto, passou lentamente, com uma urna à cabeça, em equilíbrio. Não a divisava muito bem, mas mesmo ao longe ela tinha um ar de coisa viva que o sossegou.

O sol mal se via, por detrás das pesadas nuvens que sem cessar o perseguiram. Era um sol de inverno, factício, brilhante mas sem calor. De vez em quando um vento frio varria toda a extensão dos campos, pondo a ondear os altos caules do milho. Toda a campina parecia então erguer-se, como uma onda, mas aos poucos ia abrandando, voltando à sua taciturna desolação. Serag fitou de novo o garoto. Desta vez, um choque atingiu-o no peito, e sentiu as pernas soçobrem, como que cortadas. O rapazito prosseguia a caça ainda com mais raiva. Aquilo já nada tinha de humano; dir-se-ia uma força demoníaca açulada no vazio. Serag olhava-o sem poder crer, de espírito aniquilado pelo espanto. Via-se obcecado pela imperiosa necessidade de dormir. Mas dormir como, perante esta visão absurda e abaladora? No fundo, aquilo que o apavorava naquela agitação furiosa era o mistério que esta parecia carrear, o mistério de um

universo monstruoso, cheio de homens oprimidos com trabalho e a sucumbir nesse esforço. Não era possível enganar-se. Serag reconhecia no delírio insensato do garoto todos os sinais duma humanidade laboriosa e encurralada. Nunca até então o mundo dos homens destinados à escravidão o impressionara com este estranho vigor. Seria isto uma provocação do destino? Surpreendido num temor supersticioso, Serag aguardava, de coração alterado, como no limiar duma revelação derradeira.

Serag ouvira dizer que os homens trabalhavam, mas aquilo eram estórias que toda a gente contava. Quanto a ele, não conseguia acreditar. Pessoalmente, nunca vira um homem trabalhar, tirante esses fúteis e irrisórios ofícios que a seus olhos não tinham qualquer válido atractivo. E no entanto, desde há muito, perseguia-o o desejo de ver um desses homens que com as suas próprias mãos trabalham duramente, mostrando os estigmas do labor que os mói. Era coisa, porém, muito difícil de alcançar, visto não saber de nenhum meio prático capaz de o levar a encontrar tais pessoas. Desde que tentava trabalhar, em vão se esforçava por lhes seguir as pegadas. Em casa, os parentes consideravam-no um doido varrido e um maníaco perigoso. Quando lhes falava de que queria trabalhar, ficavam todos com ar incrédulo, não só perante semelhante decisão mas também por falta de competência em tal matéria. Aquilo ultrapassava o entendimento deles. Serag, por conseguinte, não tinha a quem perguntar. Todas as pessoas que ele conhecia lidavam com coisas ingratas e insignifican-

tes, sem nada de comum com o verdadeiro trabalho. Os que talvez participassem num qualquer labor rude e penoso nunca o exteriorizavam. Afivelavam sempre o ar de quem esconde tais dores dentro de si mesmos, como uma vergonha ou um remorso. Serag, por conseguinte, tinha dificuldades inauditas para aprofundar aquele espantoso problema. Com toda a alma, desejava ver de perto homens a trabalhar, para ficar a saber o que era.

Mas seria o miúdo enraivecido um trabalhador? Era óbvio que não tinha o comportamento nem a aparência de um trabalhador. Se todos os homens que trabalham se debatessem como ele, a vida tornar-se-ia impossível. E aquela agitação toda só para caçar pardais! Imagine-se o que seria trabalhar numa fábrica! Porque Serag só concebia o trabalho a sério na atmosfera prestigiosa das máquinas em acção. Tinha uma ideia perfeitamente romântica do funcionamento de uma fábrica, sentindo-se maravilhado com o carácter grandioso que confere o imenso trabalho realizado em comum por milhares de homens. Fora isso, todos os ofícios lhe pareciam infinitamente inofensivos e banais, equivalendo, em suma, a não fazer nada. Mas o que este rapazito fazia nem sequer se assemelhava a tais simulacros de profissões. Serag tentava situá-lo numa dada categoria profissional. O comportamento do garoto, porém, não entrava em nenhuma classificação; os esforços dele pareciam ultrapassar os limites da resistência humana. Obedecia certamente a desígnios obscuros, fazia parte duma espécie de humanidade desarrazoada e perdida, ainda mais tenaz na luta

pela subsistência. Serag nunca vira nada de semelhante. Toda a sua concepção do mundo estava a ficar abalada.

Via-se penetrado de uma mortal apreensão, a si mesmo perguntando como iria tudo aquilo acabar. Não haveria ninguém capaz de fazer parar este garoto? Serag não podia continuar mais tempo naquela posição imóvel, sentia pesarem-lhe cada vez mais os membros entorpecidos pelo frio, que já pesavam como chumbo. Estava com contracções no estômago. Cerrou os dentes para não gritar, inclinou a cabeça para o chão e pensou que ia vomitar. Fechou os olhos, a custo voltou a abri-los, bocejou, fez um gesto dum enorme lassidão, e logo se deixou cair, extenuado, sobre a borda do talude. Pouco depois tirou do bolso um naco de pão e começou a mordiscá-lo com moleza. Lembrara-se que não tinha comido nada desde que saíra da cama.

Uma camioneta verde e branca passou na estrada, buzinando várias vezes de seguida, como se lançasse para o ar mensagens de aflição. O ruído ressoou pela campina, atenuou-se aos poucos, deixando a vogar um sentimento inquieto. Com uma sensação redentora, Serag viu o garoto disparar a última pedra. Que iria ele fazer agora?

O garoto hesitou durante um bom bocado, aturdido e sem ar. Com as costas da mão limpou o ranho que lhe caía do nariz, fungou ruidosamente, ergueu a parte da frente dos andrajos e pôs-se a examinar o sexo com minúcia; depois foi-se encostar ao tronco do sicômoro. Parecia abatido, vencido pelo frenesim

estéril que via concluir-se num revés. De repente deu pela presença de Serag e um clarão de espanto brilhou-lhe nos olhos, iluminando-lhe o rosto de onde escorria um suor sebento. Todo o seu ímpeto o abandonara; nele só restava uma curiosidade de esfomeado, uma avidez lastimosa e desamparada. Tinha agora toda a atenção concentrada no naco de pão que Serag, inconvicto, ia mordiscando, de olhos semicerrados pelo sono. E era como se descobrisse aspectos de um mundo maravilhoso. Avançou uns passos, de olhar hipnotizado pelo naco de pão, e ficou no meio do caminho, de pernas alargadas, boca aberta, fremindo debaixo dos farrapos que o cobriam.

Uma nuvem enorme desandou, deixando à vista o Sol, que logo expôs o seu disco alvacentos. Toda a campina ficou banhada por uma luz húmida e fria, criando distâncias enormes, como se a terra subitamente tivesse recuado os seus horizontes. Serag arrepiou-se, piscou os olhos; a luz do dia incomodava-o, irritava-lhe os nervos. Tinha reparado na manobra do garoto, mas fazia de conta que não o via, continuando a comer o pão na atitude resignada de um condenado à morte. Sentia a cada instante o sono apertá-lo com o seu amplexo inexorável. Deixou-se descair, apoiou-se nos cotovelos, abandonando-se por fim à sonolência. Já não sentia pavor nenhum; queria apenas dormir. Fechou os olhos, agarrou-se como um náufrago à terra mole do talude, e adormeceu no chão.

O sono só durou um instante. Depressa retomou consciência, sentindo a presença do garoto e a feroz acuidade do olhar dele. Pensou bruscamente em levan-

tar-se e pôr-se a andar; ter parado neste sítio só o tinha entorpecido ainda mais. Como era hábito, só viera aqui ter para observar à socapa a fábrica em construção. A fábrica estava a umas centenas de metros dali, isolada no meio dos campos. Serag já não tinha vontade de lá ir; todas estas emoções haviam sido extenuantes e via-se mais do que nunca desalentado e mole. Hesitava, cismando em voltar para casa, quando o garoto se mexeu, manifestando-se com um grunhido gemebundo. Já não havia maneira de o evitar.

— Ouve lá, ó miúdo!

Serag chamara-o inconscientemente, como a apoiar-se numa realidade vaga e deprimente. O garoto acorreu logo, atravessando o caminho em rápidas passadas, com os trapos esvoaçando em redor dele como asas. E Serag viu-o de súbito à sua frente, miserável e lívido, numa mão a fisga e a outra mão, febril, à espera.

— Queres um bocado?

O garoto estendeu a mão sem responder. Mantinha uma atitude desconfiada e fitava Serag de olhos exorbitados. Tinha seguramente perdido há muito a confiança fosse em quem fosse, preparado para sempre possíveis armadilhas. Serag partiu o pão e deu-lhe o bocado maior.

— Andas à caça há muito tempo?

O garoto já estava com a boca cheia. Respondeu, fazendo menção de se ir embora:

— Ando. Que tens tu com isso?

Serag via-o agora perto demais para não se sentir impressionado perante aquele rosto baço, de sobrolho carregado, de uma gravidade manhosa. Tinha as ore-

lhas grandes e o crânio raso coberto de chagas purulentas. Uma cicatriz atravessava-lhe o canto do lábio superior, torcendo-lhe a boca num ricto medonho. Sob os andrajos, notava-se um corpo esguio, de membros flexíveis, onde se depositava em escamas a lama dos caminhos. Era de facto um ser terrível, vindo de um mundo de desespero e luta. Serag compreendia agora a angústia que o miúdo propagava em seu redor. Não decorria apenas do seu aspecto miserável, nem daquele rosto de criminoso precoce. Esta angústia era a mensagem de um universo hostil e turvo que se perdia na lonjura dos tempos e de que ele era apenas o pálido e inconsciente reflexo. Parecia um pobre animal encuralado, entregue ao pior dos destinos e sempre exposto a perigos latentes. Mas que perigos?

Era isso justamente que Serag teria desejado conhecer: o obscuro mistério que envolvia a dura vida dos homens.

O garoto engolia o pão com prontidão febril, continuando a encarar com incerteza esta refeição providencial.

— Com que então diverte-te a caça aos pardais? perguntou Serag.

O garoto parou de comer e ficou com um ar gravemente ofendido.

— Não é pra me divertir, respondeu logo. Caço-os para os vender. Julgas que tenho tempo a perder?

Assumia ares de pessoa importante, encarando Serag quase com piedade.

— Ah, desculpa. Não sabia que tu trabalhavas. E olha que tens um trabalho jeitoso.